

# CAPÍTULO QUATORZE

## O HERDEIRO DO *LEITE DERRAMADO*: MEMÓRIA E DECADÊNCIA DA ELITE BRASILEIRA

---

ANDRÉA PEREIRA CERQUEIRA

Mestranda do Programa de Literatura Comparada  
Universidade de Brasília (UnB).

Autora de *O Feminino em Clarice Lispector: a ciranda*  
de *A hora da estrela* e *A gravidade das coisas leves* (contos)

E-mail: [prof.andreacerqueira@gmail.com](mailto:prof.andreacerqueira@gmail.com)

DOI [10.56372/desleiturav12i12.194](https://doi.org/10.56372/desleiturav12i12.194)

**Resumo:** O romance *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque, percorre os meandros da memória de um narrador aristocrático em declínio, cuja fala fragmentada revela não apenas sua ruína pessoal, mas a permanência insidiosa de três legados estruturantes da sociedade brasileira: o escravocrata, o oligárquico e o autoritário. Este artigo propõe uma leitura crítica da obra à luz do pensamento de autores como Roberto Schwarz, Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido, Raymundo Faoro, Jessé Souza e Lilia Moritz Schwarcz, com o objetivo de examinar como o romance encena e questiona a persistência dessas estruturas históricas e simbólicas. A análise enfoca a narrativa como espaço de revelação das formas de dominação e das estratégias discursivas da elite brasileira, que, mesmo em decadência, busca preservar sua legitimidade social.

**Palavras-chave:** *Leite Derramado*. Elite brasileira. Legado escravocrata. Autoritarismo. Memória.

**Abstract:** Chico Buarque's novel "Leite Derramado" (2009) explores the melodies of a declining aristocratic narrator's memory, whose fragmented speech reveals not only his personal ruin but also the insidious persistence of three structuring legacies of Brazilian society: slavery, oligarchy, and authoritarianism. This article proposes a critical reading of the work in light of the thinking of authors such as Roberto Schwarz, Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido, Raymundo Faoro, Jessé Souza, and Lilia Moritz Schwarcz, with the aim of examining how the novel stages and questions the persistence of these historical and symbolic structures. The analysis focuses on the narrative as a space for revealing the forms of domination and discursive strategies of the Brazilian elite, which, even in decline, seeks to preserve its social legitimacy.

**Keywords:** *Leite Derramado*; Brazilian elite. legacy of slavery. Authoritarianism. Memory.

## INTRODUÇÃO

Este ensaio propõe uma análise crítica do romance *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque, a partir da categoria do narrador herdeiro, figura central por meio da qual se articulam memória, identidade e estrutura social. A proposta parte do reconhecimento de que, na literatura brasileira, a construção do narrador é, muitas vezes, também a construção de um olhar sobre o país. Em *Leite Derramado*, essa perspectiva ganha contornos específicos: o protagonista narra sua história a partir de uma posição social que já não se sustenta concretamente, mas que ainda persiste simbolicamente, reproduzindo os valores de uma elite em ruína. A análise se apoia, portanto, em uma chave teórico-crítica que compreende a forma literária como expressão das tensões entre indivíduo e sociedade, memória e história, linguagem e poder.

O projeto literário de Chico Buarque, especialmente em sua produção narrativa a partir dos anos 1990, caracteriza-se por um esforço sistemático de pensar o Brasil por meio de vozes deslocadas, ambíguas ou em descompasso com o tempo histórico que as cerca. Em romances como *Estorvo*, *Budapeste*, especialmente, *Leite Derramado* e *Nossa gente*, o autor adota um estilo narrativo que rompe com a linearidade e investe na construção de protagonistas marcados pela instabilidade, pela fragmentação e por um profundo sentimento de perda. Em *Leite Derramado*, essa estratégia ganha força ao fazer do narrador um velho hospitalizado, em delírio constante, que alterna memórias familiares, frustrações pessoais e visões deformadas do presente. Por trás de seu discurso vacilante e ressentido, delineia-se com nitidez uma crítica aguda à elite brasileira e aos mecanismos simbólicos por meio dos quais essa elite insiste em manter sua autoridade mesmo diante da ruína material.

A escolha do romance justifica-se, assim, pela potência com que articula a memória individual a um projeto de interpretação crítica da história social brasileira. O protagonista representa, de modo alegórico, a longa duração das elites nacionais, que se perpetuam sob diferentes formas — da aristocracia escravocrata à

oligarquia republicana, passando pela elite autoritária do século XX. Essa elite, que se reinventa ao longo do tempo, mantém como eixo comum a naturalização da desigualdade e o desprezo pelas camadas populares. No romance, essa continuidade é representada de forma irônica e corrosiva, por meio da figura do narrador que, mesmo despossuído e senil, continua a evocar sua linhagem nobre como critério absoluto de valor e julgamento. A obra se insere, assim, em uma linhagem crítica da literatura brasileira que busca desestabilizar os discursos dominantes, ao expô-los em sua precariedade e persistência simbólica.

O problema de pesquisa que orienta esta análise é a caracterização do narrador herdeiro como uma construção narrativa e ideológica que encarna, simultaneamente, os resíduos da aristocracia senhorial e os traços autoritários de um Brasil que resiste à democratização profunda de sua estrutura social. Nesse sentido, o artigo se apoia em um conjunto de referenciais teóricos que permitem compreender a relação entre forma literária e formação social no Brasil. A obra de Roberto Schwarz, sobretudo sua leitura da literatura como reflexo das contradições da sociedade brasileira e de sua ideologia fora do lugar, oferece a base crítica para entender a defasagem entre o mundo narrado e a consciência do narrador. A contribuição de Antonio Candido ilumina a forma como Chico Buarque retoma e subverte o modelo do romance de formação da identidade nacional, propondo, em lugar do herói civilizador, a figura decadente do herdeiro ressentido. O pensamento de Sérgio Buarque de Holanda, por sua vez, é fundamental para compreender a cordialidade como forma brasileira de dominação simbólica, em que o poder se personaliza e se reproduz por meio da familiaridade e do prestígio herdado. Complementando essa abordagem, a leitura sociológica de Jessé Souza e Lilia Moritz Schwarcz sobre o autoritarismo estrutural brasileiro e sobre a elite que despreza o povo corrobora a análise da mentalidade do narrador, cuja fala transborda preconceito, autocomiseração e rancor de classe. Outros autores como Roberto Da Matta e Raymundo Faoro também se fazem presentes nesta leitura.

A articulação desses referenciais teóricos permitirá desenvolver uma leitura dialética do romance, centrada na figura do narrador herdeiro como síntese ficcional das continuidades autoritárias que atravessam a história do Brasil. O objetivo é compreender como a forma narrativa de *Leite Derramado* elabora, a partir da memória fragmentada de seu protagonista, uma crítica imanente à permanência simbólica das elites e à sua recusa em ceder espaço à pluralidade e à transformação social.

## O NARRADOR HERDEIRO: FORMA LITERÁRIA E POSIÇÃO SOCIAL

Em *Leite Derramado*, a primeira pessoa narrativa é ocupada por um personagem cujos traços biográficos se confundem com os escombros de um passado que já não possui efetividade concreta, mas cuja carga simbólica permanece ativa. Trata-se de um narrador doente, envelhecido, preso a um leito de hospital público e socialmente irrelevante. Ainda assim, sua fala transborda autoridade, genealogia, raciocínio de casta e desprezo pela mobilidade social. É essa dissonância entre condição presente e discurso herdado que define a figura do narrador herdeiro, cuja posição é, simultaneamente, a de ruína e de permanência simbólica.

A forma narrativa adotada por Chico Buarque para construir esse narrador não é aleatória: a opção por uma voz delirante, por vezes incoerente e marcada por repetições e lacunas, permite que o texto encene, de modo imanente, a crise da autoridade discursiva tradicional. O que se apresenta como discurso de memória torna-se um monólogo disperso, em que passado e presente se confundem e se contaminam. No plano da forma, a narrativa expõe a contradição fundamental do personagem: ele pretende organizar sua vida como um relato coerente de glória familiar, mas o que emerge é uma narrativa do fracasso, esburacada e desmoralizada, que denuncia o colapso da ideologia de herança e linhagem.

Essa dissonância entre forma e conteúdo é altamente significativa. A fala do narrador — que tenta se afirmar como filho de

senadores, herdeiro de barões e detentor de uma tradição moral e racial superior — é desmentida a todo instante pela própria estrutura narrativa: instável, caótica, repetitiva e incapaz de ordenar os eventos com clareza. É justamente por meio dessa forma fragmentada que Chico Buarque realiza uma crítica imanente à figura do herdeiro. Como destacou Roberto Schwarz em sua teoria de “As ideias fora do lugar”, a literatura brasileira revela com frequência a persistência de valores aristocráticos deslocados de sua base material, sobrevivendo em contextos que já não os legitimam:

A liberdade do trabalho, a igualdade perante a lei e, de modo geral, o universalismo eram ideologia na Europa também; mas lá correspondiam às aparências, encobrendo o essencial a exploração do trabalho. Entre nós, as mesmas ideias seriam falsas num sentido diverso, por assim dizer, original. A Declaração dos Direitos do Homem[...] não só não escondia nada, como tornava mais abjeto o instituto da escravidão (Schwarz, 2000, p. 12).

A dissonância entre a voz do narrador em *Leite Derramado* e a estrutura narrativa fragmentada reflete a crítica profunda à figura do herdeiro, que, embora se pretenda manter uma aura de grandeza aristocrática, é constantemente desmentido pela realidade da sua decadência. Schwarz destaca que, enquanto os ideais liberais na Europa serviam para encobrir a exploração do trabalho, no Brasil esses mesmos valores se tornam ainda mais problemáticos, revelando a hipocrisia da elite que tenta sustentar uma tradição moral e racial superior em um contexto de escravidão. Assim, a fragilidade do discurso aristocrático do narrador herdeiro se alinha à crítica de Schwarz, evidenciando como esses valores aristocráticos, deslocados de sua base material, persistem em um ambiente que já não os legitima. Em *Leite Derramado*, essa sobrevivência se dá por meio de um discurso que insiste em uma ordem senhorial mesmo diante da ruína.

O narrador herdeiro busca sustentar seu valor pessoal a partir da repetição obsessiva de seu passado familiar. Ele rememora, com orgulho, a ascendência europeia, os títulos nobiliárquicos, a posse de terras e escravizados, bem como os antigos privilégios da

elite carioca. No entanto, essa reconstrução do passado é feita a partir de um presente desolador, em que o próprio narrador se vê reduzido à impotência física e social.

Eulálio Montenegro d'Assumpção, 16 de junho de 1907, viúvo. Pai, Eulálio Ribas d'Assumpção, como aquela rua atrás da estação do metrô. Se bem que durante dois anos ele foi uma praça arborizada no centro da cidade, depois os liberais tomaram o poder e trocaram seu nome pelo de um caudilho gaúcho. [...] tempos mais tarde um prefeito esclarecido reabilitou meu pai, dando seu nome a um túnel. Mas vieram os militares e destituíram papai pela segunda vez, rebatizaram o túnel com o nome de um tenente que perdeu a perna. Enfim, com o advento da democracia, um vereador ecologista não sei por que cargas d'água conferiu a meu pai aquela rua sem saída. Meu avô também é uma travessa, lá para os lados das docas (Buarque, 2009, p. 77).

O nome, outrora símbolo de poder e prestígio público, se torna um objeto transitório, descartável, sujeito às marés políticas. Essa oscilação transforma o orgulho da linhagem em motivo de ironia amarga. O avô virou “uma travessa”, e o pai, depois de ser túnel, acabou nomeando “uma rua sem saída”. A “rua sem saída” marca metaforicamente o beco da linhagem Assumpção — um tronco genealógico que não leva mais a lugar nenhum.

A tensão entre o que ele diz ser e o que ele é efetivamente revela-se como crítica à continuidade simbólica das elites brasileiras. O romance expõe, assim, o abismo entre o mundo interior do herdeiro e a realidade objetiva que o cerca — abismo esse que é sustentado não apenas por delírio pessoal, mas por uma estrutura ideológica que insiste em naturalizar o privilégio de poucos.

Ao projetar sobre si mesmo a aura de um passado glorioso, o narrador de Chico Buarque também reproduz a lógica vertical da sociedade brasileira: considera-se superior aos outros não por méritos ou ações, mas por sangue, tradição e aparência. Essa postura remete diretamente à construção histórica das elites no Brasil, em que a filiação — seja ela de classe, raça ou cultura — se sobrepõe à experiência individual e serve como critério para legitimar o poder. Nesse sentido, o narrador herdeiro não é apenas

um personagem decadente: ele é a encarnação simbólica de um modelo de dominação que sobrevive através do discurso, mesmo quando sua materialidade já se dissolveu. E é justamente por meio do discurso literário — forma e conteúdo articulados — que o romance realiza sua crítica.

Em termos formais, portanto, *Leite Derramado* promove um descompasso intencional entre o conteúdo altivo da voz narrativa e sua condição de ruína. Esse descompasso cria o efeito irônico que sustenta a crítica do romance. A grandiloquência do narrador contrasta com sua irrelevância; sua genealogia aristocrática é posta em choque com sua dependência dos serviços públicos; sua linguagem elitista é contraposta à sua exposição à realidade da cidade, dos pobres, da degeneração moral de sua linhagem. É nesse contraste que o romance encontra sua força crítica: ao dar voz ao herdeiro, mas expor sua ruína, Chico Buarque desmascara os mecanismos simbólicos pelos quais a elite brasileira insiste em manter-se como centro moral e cultural da sociedade.

Assim, a construção do narrador herdeiro na obra é indissociável de sua função crítica: ela permite que o romance dramatize a permanência de uma mentalidade aristocrática em um país marcado por profundas desigualdades e por uma modernização social excludente. O narrador, ao pretender ser o herdeiro legítimo de um Brasil idealizado, torna-se, na verdade, o sintoma de um Brasil autoritário, desigual e profundamente marcado pela continuidade das estruturas de dominação simbólica.

## HERDEIRO DE QUÊ? AUTORITARISMO, MEMÓRIA E A ELITE BRASILEIRA

A figura do narrador herdeiro em *Leite Derramado* carrega em si a síntese ficcional de um Brasil fundado na desigualdade e sustentado por estruturas simbólicas de dominação. Ao longo do romance, Chico Buarque delinea o percurso de um sujeito que se considera superior por origem, mas que, na prática, sobrevive à margem da própria história que deseja protagonizar. O narrador,

ao mesmo tempo em que afirma sua filiação à elite imperial, à aristocracia senhorial e ao prestígio do nome familiar, revela-se completamente alheio à transformação social e política do país. Seu olhar é estático, voltado para trás, como quem busca salvar o passado da ignomínia do presente.

Em diversos trechos do romance, essa nostalgia se transforma em rancor e ressentimento, expondo sua recusa em aceitar as mudanças políticas que puseram fim aos privilégios hereditários. O narrador não fala de si individualmente, mas da classe a que pertence — um “nós” que exclui as majorias e reitera a naturalização do domínio de poucos. A elite que ele representa se percebe como a verdadeira dona do país, herdeira não apenas de terras, mas de um suposto “projeto civilizatório” que vê com desprezo qualquer forma de democratização social.

Essa mentalidade de casta foi longamente analisada por Jessé Souza, em *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato* (2017), para quem a elite brasileira constitui um estamento fechado, que despreza a população mais pobre e se vê como portadora exclusiva da racionalidade e da ordem. Segundo Jessé Souza (2017), a elite brasileira, mesmo em declínio econômico, busca legitimar-se como única depositária do mérito, da cultura e da moral pública, justificando sua autoridade simbólica por meio de discursos conservadores e moralistas, fundamento simbólico que se manifesta claramente na fala do narrador de *Leite Derramado*. A crítica à ascensão das classes populares é constante em seu discurso: o narrador refere-se com desprezo aos que “chegam agora e se acham”, reforçando a ideia de que o lugar de poder pertence a ele por direito de sangue.

Resisti um bocado à ideia de morar em edifício de apartamentos, me parecia promíscuo. Mas afinal me rendi às suas comodidades, e não hesitei em me procurar dia desses, vou lhes deixar o meu cartão. O edifício tem lá sua classe, com o hall de entrada metido a *art déco*, os vizinhos são discretos, os porteiros limpinhos. Trata-se enfim de um ambiente seletivo, e era natural que me causasse espécie entrar comigo no elevador um grandalhão com cara de nortista, nariz chato, pele grossa. Indiquei-

-lhe o elevador de serviço, mas ele me deu as costas e apertou o botão do meu oitavo andar. Maria Eulália lá em cima riu à beça do incidente, segundo ela eu era a única pessoa do Rio de Janeiro a desconhecer o Xerxes. Até meu neto tinha uma figurinha do veterano center-half do Fluminense Football Club, e com isso acabo de lembrar que já não moro em Copacabana há muito tempo (Buarque, 2019, p. 141-142).

Chico Buarque revela, de forma pungente e irônica, o modo como o narrador de *Leite Derramado* expressa sua recusa em aceitar a ascensão simbólica e social de sujeitos historicamente marginalizados. Ao se incomodar com a presença de um “nortista” no elevador social, o narrador encarna a lógica elitista de exclusão racial e regional, evidenciando sua crença na existência de espaços sociais reservados aos “iguais”. A surpresa ao descobrir que o homem era o famoso Xerxes, ídolo do neto e figura pública respeitada, desestabiliza sua percepção hierárquica do mundo, mas apenas momentaneamente, já que ele logo retorna à sua alienação temporal: “já não moro em Copacabana há muito tempo” (Buarque, 2019, p. 142). Nesse gesto, o romance sintetiza o deslocamento histórico da elite brasileira, que, como aponta Jessé Souza (2017), persiste em seu autoengano de superioridade, mesmo diante da dissolução de seus antigos privilégios.

Essa concepção elitista de sociedade é atravessada por um autoritarismo que Sérgio Buarque de Holanda já havia diagnosticado como traço fundamental da cultura política brasileira. Em *Raízes do Brasil* (1995), o autor aponta que, ao contrário da racionalidade institucional do modelo liberal europeu, a sociedade brasileira se organizou em torno da lógica personalista da casa e da família, o que fez com que as relações de poder fossem, desde o início, marcadas pela informalidade, pela hierarquia afetiva e pela resistência à impessoalidade das leis. O narrador de *Leite Derramado* é filho desse mundo: sua concepção de autoridade deriva da linhagem, da honra familiar e do prestígio herdado — e não da vida pública, da cidadania ou da igualdade de direitos.

Essa permanência simbólica de um *ethos* senhorial em meio ao colapso de sua base material é justamente o que Roberto Schwarz (2000) identificou como o problema da ideologia fora

do lugar. Para o crítico, o Brasil importou as formas do liberalismo europeu sem modificar suas estruturas sociais arcaicas, o que criou um descompasso entre forma política e conteúdo social. O problema não era a falsidade dos ideais liberais, mas o fato de estarem deslocados, aplicados em condições em que não podiam funcionar: “Ao longo de sua reprodução social, incansavelmente o Brasil põe e repõe ideias europeias, sempre em sentido impróprio” (Schwarz, 2000, p. 29). Em *Leite Derramado*, essa contradição é vivida subjetivamente pelo narrador, que não compreende — ou se recusa a compreender — o mundo moderno em que foi lançado. Ele encarna, assim, o anacronismo das elites brasileiras, cuja visão de mundo permanece aristocrática, mesmo quando já não detêm o poder material que a sustenta.

O valor da narrativa de Chico Buarque está, portanto, em evidenciar como essa elite não desaparece, mas se metamorfoseia, reproduzindo seus valores por meio do discurso, da educação, das alianças políticas e do controle simbólico. A própria filha do narrador, Maria Eulália, cuja mãe é negra e periférica, representa uma tentativa da elite de resistir à mistura e à horizontalização. Também nota-se a desfaçatez de classe na passagem a seguir, quando Eulália dirige-se aos policiais:

Ao dar com a rua deserta, me dirigi às luzes de uma praça, mas após quadra e meia de caminhada cansei um pouco. Segui até a esquina, onde estava parada uma radiopatrulha com dois megafones dormindo nos bancos reclinados. Eia!, gritei, batendo na lataria, e o do volante acordou no susto, me apontando uma arma. Os dois se olharam quando exigi entrar no carro, eu precisava espichar as pernas antes de retomar o passo. Instalado no banco traseiro, desafiei-os a adivinhar minha idade, e pareceram céticos quando anunciei meu centenário. Cem anos, insisti, e esbanjando saúde, apesar do coração momentaneamente acelerado, e lhes falei do meu amor incestuoso por uma pequena nascida em 1989. Visto que o assunto não rendia, perguntei-lhes se estavam felizes aqui ou se pretendiam voltar para a África. Opinei que servir na polícia era um grande progresso para os negros, que ainda ontem o governo só empregava na limpeza pública. Depois lhes perguntei se porventura sabiam o preço da cocaína no Rio, e se possível também no exterior, mas eles continuavam sonolentos. Então pedi emprestado um celular, para

trocar ideias com algum conhecido, mas o do volante ligou o motor e perguntou pelo meu endereço. O carro foi na contramão até a porta de casa logo ali, e eles não quiseram subir para levar umas fatias de bolo. Fiz com que me amparassem até o elevador, e lá em cima cambaleei até a minha cama, onde passei horas a falar sozinho, de olhos esbugalhados e pernas dormentes (Buarque, 2000, p. 175-176).

Evidencia-se o racismo cordial, que incorpora o outro como ornamento, mas o exclui como sujeito político tal qual Sérgio Buarque de Holanda aponta em *Raízes do Brasil* (1936). Essa tensão entre a mestiçagem aparente e a hierarquia persistente é central para compreender o autoritarismo simbólico da elite retratada.

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade - daremos ao mundo o "homem cordial". A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gaba-das por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar "boas maneiras", civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. Na civilidade há qualquer coisa de coercitivo exprimir-se em mandamentos e em sentenças (Holanda, 2012, p. 52).

A narrativa de Chico Buarque em *Leite Derramado* revela como a elite brasileira, ao se metamorfosear e reproduzir seus valores, perpetua uma forma de racismo cordial que marginaliza o outro como sujeito político, mesmo ao incorporá-lo em suas relações. Isso se alinha à reflexão de Sérgio Buarque de Holanda em "O homem cordial", em que ele observa que a contribuição brasileira para a civilização se resume à cordialidade, caracterizada pela hospitalidade e generosidade, mas que, paradoxalmente, oculta a exclusão social e política de grupos vulneráveis. Assim, a desfaçatez de classe e a superficialidade das interações simbolizam a manutenção de hierarquias em uma sociedade que se orgulha de sua cordialidade, enquanto nega a verdadeira inclusão.

Além disso, a estrutura narrativa fragmentada do romance, com sua sucessão de lembranças sobrepostas, também é reveladora da falência da linearidade histórica que o narrador tenta impor. Em vez de um progresso, há repetição e estagnação — marcas do que Antonio Candido chama de falha estrutural da sociedade brasileira, em que modernidade e arcaísmo coexistem como partes da mesma formação contraditória:

Na sociedade duramente estratificada, submetida à brutalidade de uma dominação baseada na escravidão, se de um lado os escritores e intelectuais reforçaram os valores impostos, puderam muitas vezes, de outro, usar a ambiguidade do seu instrumento e da sua posição para fazer o que é possível nesses casos: dar a sua voz aos que não poderiam nem saberiam falar em tais níveis de expressão (Candido, 1989, p. 178).

Assim, ao mesmo tempo em que o país se urbaniza, a mentalidade da casa grande ainda regula as relações sociais. Essa coexistência contraditória é representada por Chico Buarque por meio de uma forma narrativa que recusa o tempo cronológico, optando por uma memória estilhaçada e obsessiva, que retorna sempre aos mesmos lugares de privilégio perdido.

Dessa forma, a crítica que *Leite Derramado* realiza ao Brasil não é pontual nem circunstancial: trata-se de uma crítica estrutural, que vê na figura do narrador herdeiro o emblema da continuidade autoritária da elite brasileira. A ruína do corpo do narrador é, nesse sentido, alegoria da ruína moral de uma classe que, mesmo desprovida de poder formal, continua a modelar os valores e as hierarquias simbólicas do país. Como sugere Roberto Schwarz (2000), a literatura, ao tratar da desproporção entre formas modernas e conteúdos arcaicos, pode ser o espaço privilegiado para pensar o Brasil — e é exatamente esse espaço que Chico Buarque explora em seu romance.

## O LEGADO ESCRAVOCRATA, OLIGÁRQUICO E AUTORITÁRIO EM *LEITE DERRAMADO*

Não há dúvida de que o romance *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque, configura-se como uma densa e crítica narrativa sobre os escombros da história brasileira, operando como um espelho cindido da memória nacional e de sua estrutura social profundamente hierarquizada. Ao longo do fluxo confessional do narrador Eulálio Montenegro d'Assumpção, é possível perceber não apenas a decadência de uma linhagem aristocrática, mas a persistência de um modelo de sociabilidade alicerçado na herança escravocrata, nos valores da oligarquia rural e nos traços autoritários de um Estado historicamente marcado pela exclusão e pela violência simbólica.

No plano estrutural, o romance adota uma forma discursiva fragmentada, por vezes alucinatória, que remete à ruína não apenas do protagonista, mas da própria classe senhorial que ele representa. Essa forma de declínio é, ao mesmo tempo, social e narrativa. Eulálio é o último elo de uma genealogia que se orgulha de ter pertencido à elite escravocrata, e sua voz delira no leito de morte enquanto tenta reconstituir — e justificar — a glória perdida. A linguagem é atravessada por lapsos, repetições e anacronismos, o que indica que a memória da elite é, também, uma ficção fraturada. Como observa Roberto Schwarz (1992), a ideologia da elite brasileira é um pensamento fora do lugar, adaptado ao atraso, mas mimetizando as formas do progresso.

A marca do escravismo perpassa toda a narrativa, não apenas como fato histórico, mas como mentalidade persistente. A voz do narrador jamais questiona o sistema que permitiu a ascensão de sua família; ao contrário, ele o glorifica. Em um de seus delírios, orgulha-se de que seu bisavô “foi feito barão por dom Pedro I, pagava altos tributos à Coroa pelo comércio de mão de obra de Moçambique” (Buarque, 2009, p. 78), descrevendo o tráfico de escravos como um feito de bravura familiar. Essa postura reforça a análise de Lilia Schwarcz, em *Sobre o autoritarismo brasileiro*

(2019), para quem o Brasil jamais enfrentou de forma crítica e profunda o legado do escravismo. A escravidão terminou no papel, mas seus efeitos se disseminaram por todas as estruturas sociais e subjetivas, alimentando um racismo naturalizado e estrutural. A narrativa de Eulálio revela essa permanência. Mesmo em sua decadência, ele mantém o desprezo pela “escória” (Buarque, 2009, p.50) — termo que utiliza para designar pobres, negros e suburbanos — demonstrando a longevidade do pensamento de casta que funda o racismo à brasileira.

A dominação no Brasil não é apenas econômica, mas moral e simbólica, na medida em que a elite se vê como única portadora do mérito e da civilização. A elite brasileira se constituiu como um estamento fechado, portador exclusivo da racionalidade, que despreza visceralmente o povo pobre, visto como irracional, barbarizado, corrompido. Esse desprezo está presente na maneira como Eulálio descreve os corpos que o cercam no hospital: grotescos, feios, barulhentos, como se fossem intrusos em seu espaço sagrado. A lógica estamental se reproduz no discurso narrativo, inclusive quando já não há mais nenhuma materialidade do poder da elite: resta apenas a ilusão de superioridade.

Além da marca escravocrata, *Leite Derramado* revela os traços oligárquicos da formação política brasileira. Eulálio evoca, com melancolia, os tempos em que seu pai transitava com fluidez entre o poder político e os salões sociais. Essa nostalgia é reveladora do tipo de política patrimonialista que Sérgio Buarque de Holanda denunciou em *Raízes do Brasil*. Segundo ele, o Brasil foi fundado por uma elite que não distinguia o público do privado, tratando o Estado como extensão de suas casas grandes.

O Estado não é uma ampliação do círculo familiar e, ainda menos, uma integração de certos agrupamentos, de certas vontades particularistas, de que a família é o melhor exemplo. Não existe, entre o círculo familiar e o Estado, uma gradação, mas antes uma descontinuidade e até uma oposição. A indistinção fundamental entre as duas formas é prejuízo romântico que teve os seus adeptos mais entusiastas durante o século XIX. De acordo com esses doutrinadores, o Estado e as suas instituições descenderiam em linha reta, e por simples evolução, da família (Holanda, 2012, p. 45).

É justamente essa confusão entre poder político e herança familiar que sustenta a linhagem de Eulálio — até seu colapso.

O narrador, mesmo falido, continua acreditando que sua opinião importa, que seu sobrenome impõe respeito. Esse traço revela o quanto o Brasil ainda lida com resquícios do patrimonialismo, isto é, com o uso do poder público para fins privados e familiares. Como afirma Raymundo Faoro, em *Os donos do poder* (1997), a elite brasileira sempre se viu como proprietária do Estado: “O patronato político não é, na realidade, a aristocracia, o estamento superior, mas o aparelhamento, o instrumento em que aquela se expande e se sustenta” (Faoro, 1997, p. 390). A classe dominante brasileira apropriou-se do aparelho estatal e moldou as leis e instituições conforme seus interesses, perpetuando o privilégio. Essa apropriação atravessa a memória de Eulálio: ele narra como sua família controlava juízes, ministros e militares, e como isso era considerado normal — ou mesmo virtuoso.

O autoritarismo, terceiro pilar formador dessa mentalidade de casta, surge no romance tanto como uma forma de relação social quanto como estrutura de pensamento. A fala de Eulálio é, ela mesma, autoritária: interrompe, impõe, desqualifica, corrige os outros mesmo em estado de debilidade extrema.

Tenho fome. Os enfermeiros aqui são rancorosos, com exceção daquela moça, no momento não me vem o nome dela. Na falta dela, alguém precisa se ocupar de mim. Dispensio salamaleques, odeio intimidades, exijo atendimento neutro, profissional. Tragam-me por obséquio a minha goiabada, tenho fome. Virei o prato no chão, não nego, e voltarei a fazê-lo sempre que o bife vier com nervo. Sem falar que a comida cheirava a alho (Buarque, 2009, p. 101).

Essa postura reflete o que Roberto DaMatta definiu como o traço distintivo das relações pessoais na sociedade brasileira, marcada por uma rígida separação entre “pessoa” e “indivíduo”, em que os “homens de cima” julgam possuir prerrogativas que lhes conferem o direito de burlar normas universais: a lógica do favor substitui a lógica da lei.

[...] no drama do "você sabe com quem está falando?" somos punidos pela tentativa de fazer cumprir a lei ou pela nossa ideia de que vivemos num universo realmente igualitário. Pois a identidade que surge do conflito é que vai permitir hierarquizar. [...] A moral da história aqui é a seguinte: confie sempre em pessoas e em relações (como nos contos de fadas), nunca em regras gerais ou em leis universais. Sendo assim, tememos (e com justa razão) esbarrar a todo momento com o filho do rei, senão com o próprio rei (Da Matta, 1981, p. 167).

Assim, o autoritarismo não é apenas um atributo de regimes de exceção, mas uma forma cotidiana de sociabilidade elitista — algo visceral à formação de sujeitos como Eulálio.

Esse *ethos* autoritário também se manifesta no desejo de controle sobre os corpos e os afetos das mulheres. Matilde, a esposa idealizada do narrador, é transformada em fetiche de pureza, beleza e distinção social. Ao se insinuar que ela tinha “cheiro de corpo” inicia-se um processo de ciúme, controle e violência que culmina no desaparecimento da esposa e na degradação subjetiva de Eulálio. A perda do controle sobre Matilde é inadmissível para o narrador: é o indício de que a ordem simbólica que o sustenta — hierárquica, branca, masculina — está em colapso.

O Brasil retratado em *Leite Derramado* é, portanto, aquele da longa duração de uma elite que se reinventa em sua ruína. Mesmo falido, mesmo abandonado no leito de um hospital público, Eulálio insiste em sua superioridade, repete títulos de nobreza extintos, julga os outros por sua ascendência, renega o presente. Parafraseando Jessé Souza (2017), a elite brasileira, ao contrário de uma classe dominante moderna que se legitima por mérito, justifica seus privilégios pela tradição e pelo sangue. Essa lógica de casta — fundada na exclusão, na hereditariedade e na rejeição da igualdade — estrutura tanto a fala quanto o imaginário do narrador.

Por fim, o delírio de Eulálio, que mistura fatos históricos, confunde gerações e funde memórias, é a própria metáfora de um país que, como ele, se recusa a romper com suas heranças mais violentas. A elite brasileira, representada por esse corpo decadente, permanece simbólica e culturalmente operante, mesmo quan-

do materialmente já não detém o mesmo poder. *Leite Derramado*, ao dramatizar essa permanência, denuncia com ironia amarga o fracasso da modernização brasileira, que, como bem apontou Sérgio Buarque de Holanda (1995) se fez pela superfície, sem abalar os fundamentos arcaicos da vida social. A herança escravocrata, oligárquica e autoritária que atravessa o romance é, pois, um retrato da elite brasileira que insiste em não se dissolver, mesmo quando já não há leite algum a ser derramado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *Leite derramado*, de Chico Buarque, não se limita à reconstrução nostálgica de uma história familiar, mas se inscreve como uma poderosa alegoria do Brasil, país que, mesmo após sucessivas rupturas históricas — da escravidão à república, da ditadura ao neoliberalismo —, insiste em perpetuar os valores de uma elite que se recusa a perder seus privilégios. Por meio da voz estilizada de Eulálio d'Assumpção, Chico Buarque desvela os fios subterrâneos que ligam o passado ao presente, mostrando que o "leite" que se derrama é, em verdade, a memória corrompida de um país que falhou em revisar criticamente sua trajetória social e política.

A ancestralidade escravocrata, a ordem oligárquica e o autoritarismo se amalgamam em uma mesma mentalidade de casta, como apontado por Jessé Souza, que insiste em definir a sociedade brasileira por um pacto elitista, racista e excludente. A ruína do narrador, longe de ser apenas individual, é simbólica da decadência de um modelo de sociedade baseado na desigualdade institucionalizada. O romance se constrói, assim, como documento literário de uma crise nacional, no qual a forma narrativa — fragmentada, repetitiva, ambígua — carrega as marcas de uma história feita de apagamentos, violências e farsas.

O autoritarismo, nesse sentido, não é apenas uma herança de regimes militares, mas uma forma de sociabilidade presente na linguagem, na memória e na organização do poder simbólico. Chico Buarque, ao escolher um narrador senil, decadente e con-

fuso, retrata não só a degeneração de uma classe, mas a própria falência de um projeto nacional que jamais foi verdadeiramente inclusivo. Eulálio não é apenas um homem: ele é a encarnação de um Brasil que insiste em não se enxergar como realmente é, projetando sobre si uma imagem idealizada de grandeza que desmorona diante do presente.

Ao fim, *Leite derramado* aponta para a urgência de um novo olhar sobre o passado. Um olhar que se recuse à idealização arisocrática e que enfrente, com coragem e lucidez, os fantasmas da escravidão, da concentração de renda, da exclusão racial e da violência simbólica. A literatura, nesse contexto, cumpre uma função crítica inestimável: ela não apenas representa a realidade, mas a reinterpreta e a desnuda. E é nessa capacidade de atravessar tempos históricos e desestabilizar discursos hegemônicos que o romance de Chico Buarque reafirma sua potência política e estética.

## REFERÊNCIAS

BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 11. ed. São Paulo; Porto Alegre: Ed. USP; Globo, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O homem cordial*. Seleção e apresentação de Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. São Paulo: Leya, 2017.